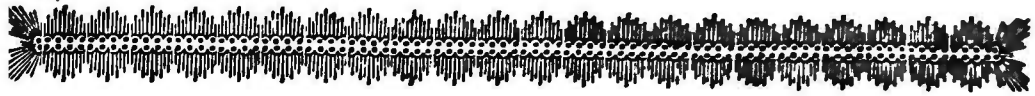


THEATRO BRASILEIRO.



OS IRMÃOS DAS ALMAS.

COMEDIA EM 1 ACTO.

PERSONAGENS.

MARIANNA, mãe de	GERTRUDES ANGELICA DA CUNHA.
EUFRAZIA	MARIA AMALIA DA SILVA MONTEIRO.
LUIZA, irmã de.....	GABRIELLA DA CUNHA DE-VECCHY.
JORGE, marido de Eufrazia.	LUIZ ANTONIO MONTEIRO.
TIBURCIO, amante de Luiza	MANOEL SOARES.
SOUSA, irmão das almas.....	JOSE' JOAQUIM PIMENTEL.
FELISBERTO.....	PEDRO JOAQUIM DA SILVA.
UM IRMÃO DAS ALMAS.....	ANTONIO JACOMO DA CRUZ.
UM CABO DE PERMANENTES.....	PINTO.

Quatro soldados.

A scena passa-se na cidade do Rio de Janeiro no anno de 1844, no dia de Finados.

ACTO UNICO.

Sala com cadeiras e mesa: porta no fundo, e á direita: á esquerda um armario grande. Durante todo o tempo da representação, ouvem-se ao longe dobres funebres.

SCENA I.

LUIZA (*sentada em uma cadeira junto á mesa*).

LUIZA.

Não é possível viver assim muito tempo! — Sofrer e calar é minha vida. — Já não posso! — (*levanta-se*) — Sei que sou pesada a D. Marianna, e que minha cunhada não me vê com bons olhos; — mas quem tem culpa de tudo isto é o mano Jorge. — Quem o mandou casar-se, e vir para a companhia de sua sogra? — pobre irmão! como tem pago essa loucura! — eu já podia estar livre de tudo isto se não fosse o maldito segredo que descobri; — antes não soubesse de nada!...

SCENA II.

EUFRAZIA E LUIZA.

EUFRAZIA (*entrando vestida de preto, como quem vai visitar Igrejas em dia de finados*).

Luiza, tu não queres ir ver os finados?

LUIZA.

Não posso; estou incommodada; — quero ficar em casa.

EUFRAZIA.

Fazes mal: — dizem que este anno ha muitas caixinhas, e urnas em S. Francisco, e no Carmo; e alem disso o dia está bonito, e haverá muita gente.

LUIZA.

Sei o que peço. — Bem quizera ouvir uma missa por alma de minha mãe, e de meu pai; mas não posso.

EUFRAZIA.

Missas não hei de eu ouvir hoje: — missas em dia de finados é maçada; — logo tres! — o que eu gosto é de ver as caixinhas dos ossos. — Ha agora muito luxo!

LUIZA.

Mal empregado.

EUFRAZIA.

Porque? — cada um trata os seus defuntos como pode.

LUIZA.

Mas nem todos os choram!

EUFRAZIA.

Chorar? — e para que serve chorar?.. não lhes dá vida.

LUIZA.

E que lhes dão as ricas urnas?

EUFRAZIA.

O que lhes dão? — nada; mas ao menos falla-se nos parentes que as mandam fazer.

LUIZA.

E isso é uma grande consolação para os defuntos?

EUFRAZIA.

Não sei se é, ou não consolação para os defuntos; mas posso-te afirmar que é divertimento para os vivos: — vae-te vestir, e vamos.

LUIZA.

Já te dice que não posso.

EUFRAZIA.

Luiza tu és muito velhaca!...

LUIZA.

E porque?

EUFRAZIA.

Queres ficar em casa para veres o teu namorado passar? — mas não sejas tola, vae á igreja que lá é que se namora bem no aperto.

LUIZA (com tristeza).

Já lá se foi esse bom tempo de namoro!

EUFRAZIA.

Grande novidade!.. brigastes com o teu apaixonado?

LUIZA.

Não! mas depois do que sube, não devo mais vel-o.

EUFRAZIA.

E o que soubestes então?

LUIZA.

Que elle era... até não me atrevo a dizel-o..

EUFRAZIA.

Assustas-me!

LUIZA.

Considera a coisa mais horrorosa, que pode ser um homem.

EUFRAZIA.

Ladrão?

LUIZA.

Peior.

EUFRAZIA.

Assassino?

LUIZA.

Ainda peior.

EUFRAZIA.

Ainda peior que assassino?... rebelde?..

LUIZA.

Muito peior!

EUFRAZIA.

Muito peior que rebelde?... não sei o que seja..

LUIZA.

Não sabes? (com mysterio) — Pedreiro Livre!..

EUFRAZIA.

Pedreiro Livre?!.. Santo breve da marca!.. homem que falla com o diabo a meia noite! (benze-se).

LUIZA.

Se fosse só fallar com o diabo! — tua mãe diz, que todos os que para elles se chegam ficam excommungados; e que antes quizeram ver a peste em casa do que um Pedreiro Livre (benze-se, o mesmo faz Eufrazia) — Não! não! antes quero viver toda a minha vida de favores, e cabrunhada, do que casar-me com um Pedreiro Livre (benze-se).

EUFRAZIA.

Tens razão! eu tenho-lhes um medo de morte; e minha mãe, quando os vê, fica tão fóra de si, que faz desatinos — ora quem havia dizer que o Sr. Tiburcio era tambem da panellinha!..

LUIZA.

Eu seria tão feliz com elle se não fosse isso!..

EUFRAZIA.

Tambem!... perdes um marido... pouco perdes... para que serve um marido?

LUIZA.

Para que serve um marido?... boa pergunta!.. para muitas coisas.

EUFRAZIA.

Sim! para muitas coisas más.

LUIZA.

Dizes isso porque já estás casada.

EUFRAZIA.

Essa é que é a desgraça!.. não termos medo ao burro, senão depois do couce!.. um marido!.. sabes tu o que é um marido?... é um animal exigente, impertinente, e insupportavel... a mulher que quizer viver bem com o seu, faça o que eu faço; — bata o pé, grite mais do que elle, caia em desmaio, ralhe, e quebre os trastes;.. humilhar-se? — coitada da que se humilha! então são elles leões: — o meu homem será sendeiro toda sua vida.. e se has de ter o trabalho de ensinares a esses animaes, é melhor que te não cases.

LUIZA.

Isso é bom de se dizer.

EUFRAZIA.

E de se fazer.—Vou acabar de me vestir (*sahe*).

SCENA III.

LUIZA, E DEPOIS JORGE.

LUIZA (*só*).

Pobre Jorge, com quem te fostes casar!—como esta mulher te faz infeliz! — Pedreiro Livre!.. quem o dissera!..

(*Entra Jorge vestido com ópa verde de irmão das almas: traz na mão uma bacia de prata com dinheiro, ovos e bananas. Logo que entra, põe a bacia sobre a mesa*).

JORGE (*entrando*).

Adeos, mana Luiza.

LUIZA.

Já de volta!

JORGE.

A colheita hoje é boa: — é preciso esvasiar a salva (*faz o que diz*). — Guarda metade d'este dinheiro antes que minha mulher o veja; que tudo é pouco para ella: e faze-me destes ovos uma fritada, e dá estas bananas ao macaco.

LUIZA.

Tenho tanta repugnancia de servir-me d'este dinheiro.

JORGE.

Porque?

LUIZA.

Dinheiro de esmolos que pedes para as almas!

JORGE...

E então o que tem isso? — é verdade que peço para as almas; mas nós tambem não temos alma? negar que a temos, é ir contra a religião: — e

alem d'isso, já lá deixei dous cruzados para se dizer missas para as outras almas; — é bem que todas se salvem.

LUIZA.

Duvido que assim a tua se salve....

JORGE.

Deixa-te d'asneiras! — pois pensas que por alguns miseraveis dous vintens, que já foram quatro, (*pega em uma moeda de dous vintens*)—olha, aqui está o carimbo;—um pai de familia vá para o inferno? ora!.. supõe que amanhã afincam outro carimbo d'este lado; — não desaparecem os dous vintens; e eu tambem não fico logrado? — nada! — antes que me logrem, logro eu. E de mais, tirar esmolos para almas, e para os santos, é um dos melhores e mais commodos officio que eu conheço: — os santos sempre são credores que não fallam! — tenho seis opas para os seis dias da semana — aqui as tenho — (*vae ao armario e tira seis opas*) no domingo descanso — preferi tel-as minhas — é mais seguro; não dou satisfação a thesoureiro nenhum: — ás segundas feiras visto esta verde que tenho no corpo: — ás terças, esta roxa: ás quartas, esta branca: ás quintas, esta encarnada: ás sextas, esta roxa e branca: e aos sabbados esta azul.

LUIZA.

E não entregas dinheiro nenhum para os santos?

JORGE.

Nada! o santo d'estas opas sou eu!... não tenho descanso; mais tambem o lucro não é máo!

LUIZA.

O lucro!... aquelle pobre velho que morava defronte do paredão da Gloria, tambem pedia esmolos para os santos, e morreu á mingoa!

JORGE.

Minha rica, o fazer as coisas não é nada, o saber-as fazer é que é tudo! — o carola experiente deve conhecer as ruas porque anda; as casas em que entra; e as portas á que bate. — Ruas ha em que se não pilha um real; — essas são as da gente rica, civilisada e do bom tom, que, ou nos conhecem, ou pouco se lhe dá que os santos se allumiem com velas de cera, ou de sebo, ou mesmo que estejam ás escuras—enfim, pessoas que pensam que quando se tem dinheiro não se precisa de religião! por essas ruas não passo eu. — Fallem-me dos beccos, aonde vive a gente pobre; das casas de rotulas; — das quitandeiras; — ahi sim é que a pipineira é grossa — (*vae guardar as opas*). Tenho aprendido á minha custa!

LUÍZA (*sorrindo-se*).

A' custa dos tolos deves dizer....

JORGE.

E quem os manda serem tolos?... mas ah! n'este mundo nem tudo são rosas! — en vivia tão bem, e tão feliz, e por desconto dos meus peccados dei a mais reverente das cabeçadas....

LUÍZA.

Qual cabeçada?

JORGE.

O casar-me!! — ah! minha filha, o casamento é uma cabeçada que deixa o homem atordoado por toda a vida, se o não mata!.... se eu soubesse!....

LUÍZA.

Agora é tarde o arrependimento; queixa-te de ti.

JORGE.

Que queres? — nm dia mette-se o diabo nas tripas de um homem e eil-o casado. — Ainda alguns são felizes; mas eu fui mesmo desgraçadissimo! esbarrei-me de focinhos!.... encontrei com uma mulher linguaruda, preguiçosa, desayergonhada, e atrevida!.... e para maior infelicidade vim viver com minha sogra, que é um demonio; — leva todo o dia a atijar a filha contra mim, — vivo n'um tormento!....

LUÍZA.

Eu bem o vejo!....

JORGE.

Quando a roda principia a desandar, é assim!... — Dous mezes depois de eu estar casado, morreu nossa mãe, e tu te vistes obrigada a vires para minha companhia — para aturares estas duas viboras. — Ah! supportar uma mulher, é um castigo; mas aturar tambem uma sogra, é.... nem eu sei o que seja!.... é uma injustiça que Deos nos faz!.... e quando ellas tem um conselheiro, e compadre da laia d'aqui do nosso visinho Sousa.... isso.... (*dá estalos com os dedos*).

LUÍZA.

Dizes bem, Jorge, esse nosso visinho é uma das causas do estado desgraçado em que vives com tua mulher, pelos conselhos que lhe dá....

JORGE.

Velho infernal! mexeriqueiro baboso!.... não te poder eu correr com um páo pela porta fora! — mas ainda isto não é o maior infortunio!.... olha, Luíza, ha coisas que um marido por mais prudente que seja não pode tragar! — tens visto aqui nesta casa o Felisberto?....

LUÍZA.

Tenho, sim.

JORGE.

Pois esse patife, que ninguem sabe do que vive, que não tem officio nem beneficio; que está todo o santo dia no largo do Rocio mettido na sucia dos meirinhos; — com o pretexto de ser primo de minha mulher, entra por esta casa a dentro com toda a sem cerimonia; sem dizer — tir-te, nem guar-te — anda de um quarto para outro com toda a fresoura, — conversa-se em segredo com minha mulher, e cala-se quando eu chego.

LUÍZA.

E porque o soffre, mano? — não é você o homem d'esta casa?.... até quando ha de ter medo de sua mulher?

JORGE.

Medo?... pois eu tenho medo d'ella?... (*com riso forçado*) — E' o que me faltava! — o que em tenho é prudencia: — não quero desbaratar...

LUÍZA (*a parte*).

Coitado!....

JORGE.

Elle ja veio hoje?

LUÍZA.

Ainda não.

JORGE.

Admira-me!....

SCENA IV.

FELISBERTO e os MESMOS.

FELISBERTO (*entrando*).

Vivorio!....

JORGE (*a parte*).

Já tardava!....

FELISBERTO (*para Luíza, sem dar attenção a Jorge*).

Adeos, minha bella Luizinha; a prima Eufrazia está lá dentro?....

LUÍZA (*seccamente*).

Está.... (*Felisberto encaminha-se para sahir pela direita sem dar attenção alguma a Jorge*).

JORGE (*seguindo-o*).

Então assim se pergunta por minha mulher, e vae-se entrando!.... (*Felisberto sahe*) — E então?! quem-na mais clara?... que figura faço eu aqui?... que papel represento!.... (*Passia agitado de um para outro lado*).

LUIZA (*seguindo-o*).

Meu irmão, porque não fazes um esforço para sahires deste vexame em que vives?... cobre energia!... mostre que é homem!... isto é uma vergonha!... não se acredita!... que fraqueza!...

JORGE (*parando*).

E' fraqueza?

LUIZA.

E', sim!

JORGE.

Pois quero mostrar-te para que sirvo!.. quero mostrar-te que sou homem, e que nesta casa governo eu!....

LUIZA.

Felizmente!....

JORGE.

Vou ensinal-as — botar este biltre pela porta á fóra!... basta de humilhação! — vae tudo com os diabos!... (*caminha intrepidamente, e a passos largos para a porta da direita; mas ahi chegando, pára*).

LUIZA.

Então páras?....

JORGE (*voltando*).

Melhor é ter prudencia.... tenho medo de fazer uma morte?....

LUIZA.

Meu Deos, que fraqueza!....

JORGE.

E retiro-me, que não respondo por mim!.... e mesmo porque vou á botica buscar o sinapismo que minha sogra pedio (*sahê*).

SCENA V.

LUIZA só, e DEPOIS MARIANNA.

LUIZA.

Isto contado não é crível!.... ter um homem medo de sua mulher e de sua sogra a esse ponto! Ah! se eu fosse homem, e tivesse uma mulher como esta....

MARIANNA (*entrando*).

Vae coser a renda da minha mantilha! (*Luisa sahe. Marianna estard de vestido de riscado, e saia de lila preta*).

MARIANNA.

Pague o que come!.... é um trambolho que eu tenho em casa; — a boa joia do meu genro julga que eu tambem devo carregar com a irmã! está enganado! — hei de atrapalhal-a até que a desgoste, para sahir d'aqui.... Arre!....

SCENA VI.

MARIANNA E SOUSA.

SOUSA (*entrando vestido de opa*).

Bons dias, comadre.

MARIANNA.

Oh! compadre Sousa, por cá?

SOUSA.

Ando no meu fadario, comadre; é preciso ganhar a vida (*põe a salva sobre a mesa*).

MARIANNA.

Isso é assim compadre.

SOUSA.

E como já estou velho, escolho o officio que mais me serve.... tiro esmolas.

MARIANNA.

E as faz render, heim?....

SOUSA.

Nada! comadre! — ganho só duas patacas por dia, que me paga o thesoureiro da Irmandade para quem tiro esmola.

MARIANNA.

Só duas patacas! tão pouco?.... compadre.

SOUSA.

Eu podia fazer como grande parte dos meus companheiros, que tiram as esmolas para si; — mas isso não faço eu — quizera antes morrer de fome! — dinheiro sagrado!.... talvez a comadre zombe do que eu digo....

MARIANNA.

Eu não, compadre!

SOUSA.

Porque consta-me que seu genro....

MARIANNA.

Meu genro é um tratante....

SOUSA.

Ha em todas as profissões velhacos que as desacreditam.

MARIANNA.

Não se importe com isso, compadre....

SOUSA.

Oh! eu vivo tranquillo com a minha consciencia.

MARIANNA.

Faz muito bem!....

SOUSA.

Como vae a commadrinha?

(*Aqui apparece d porta do fundo Jorge, que trard uma tigella na mão: vendo Marianna, e Sousa, pára, e escuta*).

MARIANNA.

Vac bem, compadre; só o diabo do marido é que lhe dá desgostos: — é uma besta que metti em casa....

SOUSA.

Commadre, as bestas tambem se ensinam....

JOAGE (*a parte*).

Patife!....

MARIANNA.

Deixe-o commigo, compadre.

SOUSA.

A commadre é mãe, e deve vigiar na felicidade de sua filha. — Os maridos são o que as mulheres querem que elles sejam — sou velho e tenho experiencia do mundo — a commadrinha que não fraqueie, senão elle bota-lhe o pé no pescoço....

JORGE (*a parte*).

Tratante!...

MARIANNA.

Isso lhe digo eu sempre, e ella o faz! — olhe, compadre, quanto a isso, pnxou cá á pessoa: — o meu defunto não via boia commigo!....

.....

SCENA VII.

OS MESMOS E FELISBERTO.

FELISBERTO.

Adeos, tia, vou-me embora....

MARIANNA.

Vem cá, rapaz!

FELISBERTO.

O que quer?

MARIANNA.

O^o compadre? voce, não achará um arranjo para este rapaz?

SOUSA.

Fraco empenho sou eu, commadre!

FELISBERTO.

Não preciso de arranjo!

MARIANNA.

E' melhor trocar as pernas por essas ruas como um valdivino?.... em risco de ser preso para soldado?.... andar sempre pingando, e sem vintem para comprar nma casaca nova?.... vê como oa cotovélos d'esta estão rotos?— e esta calça como está safada!....

FELISBERTO.

Assim mesmo é que eu gosto!.... é liberdade! cada um faz o que quer, e anda como lhe parece!.. não nasci para me assujeitar a ninguem!

MARIANNA.

Ai! que modo de pensar é esse?.... Então, compadre, não descobre nada?

SOUSA.

Eu?... só se elle quer tambem pedir esmolas; posso arranjar-lhe uma opa.

MARIANNA.

Lembra muito bem! ó sobrinhosinho, queres pedir esmolas?

FELISBERTO (*insultado*).

Pois, tia Marianna, acha que eu nasci para pedir esmolas?.... isto é insultar-me!.... e o Sr. Sousa....

SOUSA.

Eu digo, no caso de querer....

MARIANNA.

Estou vendo que nasceste para principe!.. já te não lembras que teu pai era maisim?

FELISBERTO.

Isto foi meu pai, eu não tenho nada com isso!..

SOUSA.

Pedir para os Santos, é uma profissão honesta..

MARIANNA.

Que não deshonra a ninguem — veste-se uma opa, entra-se pelas casas....

FELISBERTO (*a parte*).

Entra-se pelas casas....

MARIANNA.

Bate-se á escada,— e se se demoram a vir saber quem é, assenta-se o homem um momento, des-cansa....

FELISBERTO (*embebido n'uma idea, sem ouvir a tia*).

Entra-se pelas casas ! . . .

MARIANNA.

Vem o moleque, ou a rapariga trazer o vintem-sinho . . .

FELISBERTO.

Pois bem, tia ; quero lhe fazer o gosto, pedirei hoje esmola ; até para ver se o officio me agrada.

MARIANNA.

Sempre te conheci muito juizo, sobrinhosinho ! o compadre arranja-lhe a opa ?

SOUSA.

Fica a meu cuidado . . .

MARIANNA.

Muito bem ! e dê-me licençs, que vou acabar de me vestir (*sahe*).

SCNA VIII.

SOUSA E FELISBERTO.

FELISBERTO (*a parte*).

Não me lembrava que opa, ás vezes, dá entrada até o interior das casas ! . . .

SOUSA.

Vamos ?

FELISBERTO.

Quando quizer . . . (*encaminham para a porta do fundo ; Jorge entra, e passa por entre elles*).

SOUSA (*para Jorge quando passa*).

Um seu creado, Sr. Jorge . . . (*Jorge não corresponde o cumprimento, e dirige-se para a porta da direita*).

FELISBERTO (*voltando-se*).

Mal creado ! (*Jorge que está junto a porta para sahir, volta-se*).

JORGE.

Heim ? . . .

FELISBERTO (*chegando-se para elle*).

Digo-lhe que é um mal creado !

JORGE (*com energia*).

Isso é commigo ?

FELISBERTO.

E' aim ! . . .

JORGE (*vindo para a frente da scena*).

Ha muito tempo que eu procuro esta occasião para nos entendermos . . .

FELISBERTO.

Muito estimo ! (*arregaça as mangas da casaca*).

SOUSA.

Accomodem-se . . .

JORGE.

O Sr. tem tomado mnitas liberdades em minha casa . . .

FELISBERTO.

Primeiramente a casa não é sua, e segundo, heide tomar as liberdades que bem me parecerem.

SOUSA.

Sr. Felisberto ! . . .

JORGE.

O Sr. entra por aqui, e não faz caso de mim !

FELISBERTO.

E que figura é o Sr. para eu fazer caso ?

SOUSA.

Sr. Jorge ! . . . (*mettendo-se no meio*).

JORGE.

Chegue-se para lá ; deixe-me que estou zsn-gado ! . . . o Sr. falla com minha mulher em segredo na minha presença ! . . .

FELISBERTO.

Faço muito bem, por que é minha prima . . .

JORGE (*gritando, e batendo com os pés*).

Mas é minha mulher . . . e sabe que mais ? é por consideração a ella que agora mesmo não lhe esmurro estas ventas (*sahe com passos largos*).

FELISBERTO.

Anda cá ? . . . (*quer seguil-o, Sousa o retém*).

SOUSA.

Aonde vae ? . . .

FELISBERTO (*rindo-se*).

Ah ! ah ! ah ! . . . Não sei aonde foi a prima achar este côdea para marido . . . tenho-lhe dito muitas vezes que é a vergonha da familia . . .

SOUSA.

E' um homem sem principios . . .

FELISBERTO.

Eu regalo-me de não fazer caso nenhum delle . . . (*ouvem-se gritos dentro*) ouça ! ouça ! — não onve esses gritos ? é a tia e a prima que andam com elle ás voltas — ah ! ah !

SOUSA.

Deixal-o, e vamos que se vae fazendo tarde ! . . . (*sa-hem ambos rindo-se*).

SCENA IX.

(*Entra Jorge desesperado*).

JORGE.

Os diabos que as carreguem, corujas do diabo!.. assim não vai longe.... desanda tudo em muita pancadaria—Ora cebolorio!—que culpa tenho eu que o boticario se demorasse em fazer o sinapismo?—E' bem feito, Sr. Jorge, é bem feito; quem o mandou ser tolo?... agora aguente (*gritos dentro*). Grita, grita, canalha! até que arrebentem pelas ilhargas!—Triste sorte!.... Que sogra! que mulher! Ah! diabos! maldita seja a hora em que eu te dei a minha mão; antes te tivesse dado o pé, e um couce, que arrebentasse a ti, a tua mãe, e toda a tua geração passada e por passar.—E' preciso em tomar uma resolução!.... a mana Luiza tem razão!.... isto é fraqueza!.... Vou ensinar aquellas viboras. (*Diz as ultimas palavras caminhando com resolução para a porta; ahí apparece Eufrazia, e elle recua*).

SCENA X.

JORGE e EUFRAZIA.

EUFRAZIA.

Quem é vibora?... (*Eufrazia caminha para elle, que vai recuando*).

JORGE.

Não fallo contigo.... (*recua*).

EUFRAZIA (*seguindo-o*).

Quem é vibora?....

JORGE (*recuando sempre, e encosta-se no bastidor da esquerda*).

Já dice, que não fallo contigo....

EUFRAZIA (*junto delle*).

Eutão quem é?... son eu?... falla?

JORGE (*querendo mostrar-se forte*).

Eufrazia!....

EUFRAZIA,

Qual Eufrazia! sou um raio que te parta!....

JORGE.

Retira-te! olha que te perco o respeito....

EUFRAZIA (*com desprezo*).

Pedaço d'asno!

JORGE.

Pedaço d'asno?!... olha que te.... (*Faz menção de dar uma bofetada*).

EUFRAZIA (*volta para tras gritando*).

Minha mãe? minha mãe?

JORGE (*seguindo-a*).

Calla-te, demonio....

EUFRAZIA (*junto d porta*).

Venha cá!

SCENA XI.

MARIANNA e AS MESMAS.

MARIANNA (*entrando com um panno de sinapismo na mão*).

O que é? o que é?....

JORGE (*recuando*).

Agora sim!

EUFRAZIA.

Sô Jorge está-me maltratando!....

MARIANNA.

Grandissimo sacripante!....

JORGE.

Sacripante!....

EUFRAZIA.

Deo-me uma bofetada!

MARIANNA.

Uma bofetada na minha filha?!....

JORGE (*atravessa por diante de Marianna, e chega-se rancoroso para Eufrazia*).

Dei-te uma bofetada? heim?....

MARIANNA. (*puzando-o pelo braço*).

Que atrevimento é esse, grandissimo patife?

JORGE (*Desesperado*).

Hoje aqui ha morte!....

EUFRAZIA.

Morte! queres-me matar?

MARIANNA.

Ameaças, grandissimo traste?

JORGE (*para Marianna*).

Grandissima tartaruga!

MARIANNA.

Tartaruga! é mim? ...

EUFRAZIA (*passando-lhe pelo braço*).

Insultas a minha mãe?

JORGE (*para Eufrazia*).

Grandíssima lamprêa!....

EUFRAZIA.

Que affronta! ai! ai! que morro!.... (*Vae cahir sentada em uma cadeira e finge-se desmaiada*).

JORGE.

Morre! arreventa! que te leve a breca!.... (*Quer sahir Marianna o retém pela opa*).

MARIANNA.

Tu matas minha filha, patifão, mas eu heide arrancar-te os olhos da cara....

JORGE.

Largue a opa!....

MARIANNA.

Encher essa cara de bofetões.

JORGE.

Largue o opa!

MARIANNA.

Pensas que minha filha não tem mãe?

JORGE.

Largue a opa!!....

MARIANNA.

Pensas que eu hei de aturar a ti, e a lambisgoia da tua irmã?

JORGE (*com raiva*).

Senhora!

MARIANNA.

Queres-me matar também, mariola?
JORGE (*cerrando os dentes de raiva, e metendo a cara diante da de Marianna*).

Senhora! diabo!

MARIANNA.

Ah!!.... (*Dá-lhe com o pano de sinapismo na cara: Jorge dá um grito de dôr; leva as mãos d cara, e sahe gritando*).

JORGE.

Estou cego! agoa! agoa!... (*sahe pelo fundo*).
(*Marianna desfeicha a rir ds gargalhadas, e o mesmo faz Eufrazia que se levanta da cadeira. Conservam-se a rir por alguns instantes sem poderem fallar. Luiza apparece d porta*).

EUFRAZIA.

Que boa lembrança!.... ah! ah!

LUIZA (*a parte*).

O que será?

MARIANNA.

Que bella receita para maridos desavergonhados! ah! ah!....

EUFRAZIA.

Já não posso rir-me.... ah! ah!

MARIANNA.

Que cara fez elle.... (*vendo Luiza*) O que queres?

LUIZA (*timida*).

Eu....

MARIANNA.

Bisbilhoteira! vae buscar minha mantilha: e o leque de tua cunhada. (*Luiza sahe*).

EUFRAZIA.

Já sei o remedio d'aqui por diante.

MARIANNA.

Sinapismo nelle!....

EUFRAZIA.

Mas não vá elle ficar cego!

MARIANNA.

Melhor para ti.... (*Entra Luiza com uma mantilha na mão, e um leque que entrega a Eufrazia*).

MARIANNA.

Dá cá!—Não podias trazel-a sem machucar.. desasada!... (*poem a mantilha sobre a cabeça*). Vamos, que vae ficando tarde: iremos primeiro a S. Francisco que está aqui pertinho (*para Luiza*). E tu, fica tomando conta na casa já que não tens prestimo para nada.... pague o que come; não sou burra de ninguém. Vamos, menina.

SCENA XII.

LUIZA E DEPOIS TIBURCIO.

LUIZA (*só*).

Não tenho prestimo!.... sempre insultos!.... sou o creada de todos nesta casa!.... Vou pedir ao mano que me meta no convento da Ajuda..

TIBURCIO (*dentro*).

Esmola para missas das almas!

LUIZA.

Quem é? (*Tiburcio apparece a porta vestido de irmão das almas*).

TIBURCIO.

Esmola para missas das almas!....

LUIZA (*sem o reconhecer*).

Deos o favoreça.

TIBURCIO.
Amen ! (*adianta-se*).

LUIZA.
O senhor o que quer ?

TIBURCIO.
Deos me favorece !...

LUIZA.
O senhor Tiburcio ? !...

TIBURCIO.
Elle mesmo, que morria longe de ti !

LUIZA.
Vá-se embora !

TIBURCIO.
Cruel, que te fiz eu ?...

LUIZA.
Não fez nada, mas vá-se embora !...

TIBURCIO.
Ha oito dias que te não vejo !... tenho tanto que te dizer, oito dias, e oito noutes levei a passar pela tua porta, e tu não me apparecias.... até que tomei a resolução de vestir esta opa para poder entrar aqui sem causar desconfiança.... seremos felizes ! nossa sorte mudou (*põe a bacia sobre a mesa*).

LUIZA.
Mudou !....

TIBURCIO.
Bem sabes que ha muito tempo que ando atraz de um lugar de guarda da alfandega, e que não tenho podido alcançar ; mas agora já não preciso.

LUIZA.
Não precisa ?...

TIBURCIO.
Comprei uma cantela de vigesimo, na casa da Fama do largo de Santa Rita, e sahio-me um conto de réis.

LUIZA.
Ah !

TIBURCIO.
Vou abrir um armario; agora posso pedir-te a teu irmão.

LUIZA.
Não ! não ! não póde ser !

TIBURCIO.
Não queres ser minha mulher ?... terás mudado ?... Ingrata ?...

LUIZA.
Não posso ! não posso !... Meo Deos !

TIBURCIO.
Ah ! já sei, amas a outro ! pois bem, casa-te com elle !... quem o diria ?...

LUIZA (*chorando*).
Escuta-me...

TIBURCIO.
Não tenho que escutar !... Vou-me embora, vou-me meter em uma das barcas de vapor da Praia-Grande, até que ella arrebente.... (*falsa sahida*).

LUIZA.
Quanto sou infeliz !...

TIBURCIO (*voltando*).
Ainda me amas ?

LUIZA.
Ainda.

TIBURCIO.
Então porque não queres casar commigo ?

LUIZA.
Oh ! acredita-me, é que eu não devo....

TIBURCIO.
Não deveis ? pois adeos, vou para o Rio Grande (*falsa sahida*).

LUIZA.
Isto é um tormento que eu soffro !....

TIBURCIO (*voltando*).
Então queres que eu vá para o Rio Grande !

LUIZA.
Bem sabes quanto eu te amava, Tiburcio, tenho disto te dado provas bastantes, e se...

TIBURCIO.
Pois dá-me a unica que te peço, casa-te commigo !...-ah !... não respondes ?... adeos vou para Montevideo. (*sah pelo fundo*).

LUIZA (*só*).
Nasci para ser desgraçada !... eu seria tão feliz com elle.... mas é Pedreiro Livre... foi bom que elle se fosse embora... eu não poderia resistir....

TIBURCIO (*apparecendo á porta*).
Então queres que eu vá para Montevideo ?

LUIZA.
Meo Deos !...

TIBURCIO (*caminhando para frente*).
Antes que eu parta desta terra ingrata ! antes que eu vá affrontar esses mares !... um só favor te peço, em nome de nosso antigo amor !... *dize-me*, porque não queres casar commigo ? *dizeram-te*

que eu era aleijado; que tinha algum defeito occulto?... se foi isso, é mentira !,..

LUIZA.

Nada disso me disseram...

TIBURCIO.

Então porque é ?

LUIZA.

E' porque.... (*hesita*).

TIBURCIO.

Acaba... dize....

LUIZA.

Porque és... Pedreiro Livre !!.. (*benze-se*).

TIBURCIO,

Ah! ah! ah! (*rindo-se ás gargalhadas*).

LUIZA.

E ri-se ? !....

TIBURCIO.

Pois não me hei de rir ?... meo amor, isto são caraminholas que te meteram na cabeça.

LUIZA.

Eu bem sei o que é !... fallas com o diabo a meia noute, matas as creanças para lhes beber o sangue; entregaste tua alma ao diabo; frequentas as....

TIBURCIO (*interrompendo-a*).

Ta! ta! ta! o que ahi vai de asneiras !... não sejas pateta !.. não acredites nestas babozeiras.

LUIZA.

Babozeiras, sim !....

TIBURCIO.

Um Pedreiro Livre, minha Luiza, é um homem como outro qualquer, nunca comeo creanças, nem fallou com o diabo á meia noite.

LUIZA.

Visto isso, não é verdade o que te digo ?

TIBURCIO.

Qual!... são carapetões que te meteram nos miolos para talvez te indisparem commigo.... A maçoneria é uma instituição....

LUIZA.

Dá-me a sua palavra de honra que nunca fallou com o diabo ?...

TIBURCIO.

Juro-te que é sugeitinho com quem nunca me encontrei !

LUIZA.

Hoje ouvio missa ?

TIBURCIO.

Nem menos de tres...

LUIZA.

Ah! que pezo me tiraste do coração !

TIBURCIO.

Consentes que eu falle a teu mano ?

LUIZA (*vergonhosa*).

Não sei...

TIBURCIO (*beijando-lhe a mão*).

Malditos tagarellas que iam-me fazendo perder este torrão d'assucar. Minha Luiza, nós seremos muito felizes, e eu te....

MARIANNA (*dentro*).

De vagar! de vagar! que não posso!...

LUIZA (*assustada*).

E' D. Marianna.

TIBURCIO.

Vou-me embora.

LUIZA.

Não! não! que o podem encontrar no corredor, minha cunhada o conhece... esconda-se até que ellas entrem, e depois saia...

TIBURCIO.

Mas aonde.

LUIZA.

N'este armario !... (*Tiburcio esconde-se no armario, deixando a bacia sobre a meza.*)

SCENA XIII.

(*Entra Marianna apoiada nos braços de Eufrazia, e de Sousa.*)

MARIANNA.

Ai! quasi morri!... Tira-me esta mantilha. (*Luiza tira-lhe a mantilha*) Ai!.... (*senta-se*) Muito obrigada, compadre !

SOUSA.

Não ha de que, commadre !

EUFRAZIA.

Acha-se melhor, minha mãe ?

MARIANNA.

Um pouco!... Se o compadre não estivesse lá á porta da Igreja, para tirar-me do aperto, eu morria certamente!..

SOUSA.

Aquillo é um desaforo!...

MARIANNA.

E' assim, é!... ajuntam-se esses bregueiros nos corredores das catacumbas para apertarem as velhas, e darem beliscões nas moças...

SOUSA.

E nos rasgarem as opas, e darem cassolêtas...

EUFRAZIA.

E' uma indecencia !...

MARIANNA.

Espremeram-me de tal modo, que ia botando a alma pela boca a fóra.

EUFRAZIA.

E a mim deram um beliscão, que quasi arrancaram carne.

MARIANNA.

E' insupportavel !

SOUSA.

Principalmente, commadre, em S. Francisco de Paula !...

MARIANNA.

Estão horas inteiras n'um vai, e vem, só para fazerem patifarias ..

EUFRAZIA.

A policia não vê isso !...

MARIANNA.

Ai ! estou que não posso.... compadre, dê-me licença, que vou me deitar um pouco !

SOUSA.

Essa é boa, commadre !

MARIANNA (*levanta se*).

Já arranjou a opa para meu sobrinho.

SOUSA.

A esta hora já está tirando esmolos...

MARIANNA.

Muito obrigada, compadre, não se vá embora, jante hoje connosco.

SOUSA.

A commadre manda, não pede....

MARIANNA.

Até já, descanse.... (*sahem Marianna, Eufrazia, e Luiza*).

SCENA XIV.

SOUSA E DEPOIS FELISBERTO.

SOUSA (*só*).

Estou estafado ! (*senta-se*). A pobre da commadre se não sou eu, morre ; já estava vermelha como um camarão (*ouveem-se dentro gritos de pega ladrão!*) o que será ? (*levanta-se, os gritos continuam*) E' pega ladrão ! (*vai para a porta*

do fundo, nesse instante entra Felisberto, que virá de opa, e bacia, precipitadamente, esbarra-se com Sousa, e salta-lhe o dinheiro da bacia no chão).

FELISBERTO.

Salve-me ! salve-me ! collega (*trazendo-o para frente da scena*).

SOUSA.

O que é isto homem ? explique-se !....

FELISBERTO (*tirando um relógio da algibeira*).Tome este relógio ! guarde-o (*Sousa toma o relógio machinalmente*).

SOUSA.

Que relógio é esse ?

FELISBERTO.

O povo ahi vem atraz de mim gritando pega ladrão !... mas creio que o logrei .

SOUSA.

E o senhor roubou este relógio ? !

FELISBERTO.

Não senhor !... entrei em uma casa para pedir esmola, e quando sahi achei-me com este relógio na mão, sem saber como... (*vosearia dentro*). Ahi vem elles !... (*corre, e esconde-se no armario*).

SOUSA (*com o relógio na mão*).

E me metteo om boas ? deixando me com o relógio na mão !... se assim me pilham estou perdido !... (*põe o relógio sobre a mesa*). Antes que aqui me encontrem, saffo-me !... (*vae a sahir ; ao chegar á porta pára, para ouvir a voz de Jorge*).

JORGE (*dentro*)-

Isto é um insulto ! não sou ladrão ! emr minha casa não entrou ladrão nenhum !....

SOUSA (*voltando*).

Ahi vem !... e este relógio que me accusa, pelo menos prendem-me como complice (*corre, e esconde-se no armario*).

SCENA XV.

(*Entra Jorge*).

JORGE.

Não se dá maior pouca vergonha ! julgarem que eu era ladrão !... Creio que algum tratante aproveita-se da opa para entrar com liberdade nas casas, e surripiar alguma cousa, e os mais que andam de opa que paguem !... Eu roubar re-

logio!... pois, olhem, precisava bem de nm... (vê. o relógio sobre a mesa) um relógio!!... que diabo!!... (pegando no relógio) de quem será?... será o roubado?!.. quatro bacias com esmolas!?!.. e então?.. e então tenho tres homens dentro de casa. Oh!! com os diabos!! e todos tres irmãos das almas!... e ladrões ainda em cima!!... Vou saber como é isto... mas não!.. se eu perguntar não me dizem nada... (Aqui apparece d porta da direita Eufrazia sem que elle a veja). E' melhor que eu veja com meus proprios olhos!.. Vou esconder-me no armario, e de lá espreitarei!. (Vai para o armario; Eufrazia o segue pé ante pé: logo que entra no armario, elle dá um pulo, e feicha o armario com a chave).

EUFRAZIA.

Está prezo!... minha mãe! minha mãe, venha ver o canario!... (sahe).

SCENA XVI.

(Ouve-se dentro do armario uma questão de palavras, gritos, e pancadas, nas portas: isto dura por alguns instantes. Entra Marianna e Eufrazia).

EUFRAZIA.

Está ali, minha mãe, eu o preendi!...

MARIANNA.

Fizeste muito bem!... (chega-se para o armario).

EUFRAZIA.

Como grita! que bulha faz!...

MARIANNA.

Aqui ha mais de uma pessoa!!..

EUFRAZIA.

Não senhora!... (Os gritos dentro redobram, e ouve-se muitas vezes a — palavra — ladrão pronunciada por Jorge).

MARIANNA.

São ladrões!! (Ambas gritam pela sala de um lado para outro) ladrões! ladrões! ladrões!! (Luiza apparece d porta).

LUIZA (entrando).

O que é isto?

EUFRAZIA.

Ladrões em casa!....

AS TRES (correndo pela sala).

Ladrões! ladrões!! quem nos accode! ladrões!...

SCENA XVII.

(Entra uma patrulha de quatro permanentes, e um cabo. Virão de fardeta branca, cinturão e pistolas).

CABO (entrando).

Que gritos são esses?...

MARIANNA.

Temos ladrões em casa?...

CABO.

Aonde estão?

EUFRAZIA.

Alli no armario!...

LUIZA (aparte).

No armario! que fiz eu?... está perdido!... (O cabo dirige-se para o armario com os soldados: Marianna, Eufrazia, e Luiza encostam-se para a esquerda junto d porta).

CABO (junto ao armario).

Quem está ahi?...

JORGE (dentro).

Abra, com todos os diabos!...

CABO.

Sentido, camaradas!... (O cabo abre a porta do armario, por ella sahe Jorge, e torna a fechar a porta com presteza. O cabo agarra-lhe na gola da casaca).

CABO.

Está preso!...

JORGE (depois de ter feichado o armario).

Que diabo é isto?...

CABO.

Nada de resistencia!..

JORGE.

O ladrão não sou eu!...

EUFRAZIA (do lugar onde está).

Senhor permanente, este é meu marido..

JORGE.

Sim, senhor! eu tenho a honra de ser o marido da senhora!...

EUFRAZIA.

Fui eu que o feichei no armario, e por isso é que se deo com os ladrões que ainda estão lá dentro.

JORGE.

Sim senhor, a senhora fez-me o favor de me feichar aqui dentro, e por isso é que se deo com os ladrões... que aqui estão ainda...

CABO.

Pois abra. *(O cabo diz estas palavras a Jorge porque elle conserva-se em quanto falla, com as costas apoiado no armario. Jorge abre a porta: sahe Sousa, o cabo segura em Sousa, Jorge tor-na a fechar o armario, e encosta-se. Sousa, e o cabo que o segura, caminham um pouco para a frente).*

JORGE.

Este é que é o ladrão !...

SOUSA.

Não sou ladrão! deixe-me !...

MARIANNA.

O compadre ? !..

SOUSA.

Commadre ?... *(Mariana chega-se para elle).*

JORGE.

Segure-o bem, se não foge !...

SOUSA.

Falle por mim, commadre! diga ao senhor que eu não sou ladrão...

JORGE.

E' elle mesmo, e outro que aqui está dentro!..

CABO.

Vamos!...

SOUSA.

Espere !...

MARIANNA.

Como é que voce, compadre, estava alli dentro...

SOUSA.

Por causa de um maldito relógio, que....

JORGE.

Vê! está confessando que roubou o relógio.,, allí está sobre a mesa!...

CABO.

Siga-me !... .

SOUSA.

Espere !....

MARIANNA.

Um momento !...

CABO.

Se não vai á força!... Camaradas !...

JORGE.

Duro com elle, *(chegam-se dous soldados, e agarram em Sousa).*

CABO.

Levem este homem para o quartel....

SOUSA *(debatendo-se).*

Deixem-me fallar !...

CABO.

Lá fallará !... *(Os soldados levam Sousa d força).*

SOUSA.

Commadre !... commadro !....

JORGE.

Sim ! sim, li fallará !... patifo ! ladrão !...

MARIANNA.

Estou confusa !...

JORGE.

Vamos aos outros que ca estão

EUFRAZIA.

Não explico isto !... *(Jorge abre a porta do armario; sahe por ella com impetuosidade Felisberto: atira com Jorge no chão, e foge pela porta do fundo: o cabo e os dois soldados correm em seu alcance).*

CABO.

Pega ! pega ! *(sahe, assim como os soldados, Jorge levanta-se).*

JORGE.

Pega ladrão ! pega ladrão ! *(sahe atraz correndo).*

SCENA XVIII.

MARIANNA, EUFRAZIA, E LUIZA.

MARIANNA.

E' meu sobrinho ! !...

EUFRAZIA.

E' o primo !

LUIZA *(aparte).*

Terá elle sahido !...

MARIANNA.

Não sei como foi isto !

EUFRAZIA.

Nem eu ?...

MARIANNA.

Deixei o compadre aqui sentado !....

EUFRAZIA.

O primo estava pedindo esmolas !....

MARIANNA.

Isto foi traição do patife do meu genro.

EUFRAZIA.

Não pôde ser outra coisa.

MARIANNA.

Mas deixe-o voltar....

EUFRAZIA.

Eu lhe ensinarei.... *(Durante este pequeno dialogo, Luiza que está um pouco mais para o fundo vê Tiburcio que da porta do armario lhe faz accenos).*

MARIANNA.

O que estás tu a fazer accenos!... vem cá!... *(pega-lhe pelo braço).* Vistes o que fez o bello do teu irmão?... Como elle não está aqui, tu é que me has de pagar!....

LUIZA.

Eu! e porque?

MARIANNA.

Ainda pergunta porque?... não viste como elle fez prender a meu compadre, e a meu sobrinho?... Isto são cousas arranjadas por elle, e por ti!

LUIZA.

Por mim?!....

EUFRAZIA.

Sim! por ti mesma!

LUIZA.

Oh!!

MARIANNA.

Faze-te de novas. Não bastava aturar eu o desavergonhado do irmão; hei-de tambem soffrer as poucas vergonhas d'esta deslambida!... *(Luiza chora. Aqui apparece d'porta do fundo Jorge; vendo o que se passa, para em observação).*

MARIANNA.

Hoje mesmo não me dorme em casa!.... não quero!.... vai ajuntar a tua roupa, e rua! rua!... *(Tiburcio sahe do armario, e encaminha-se para ellas).*

TIBURCIO.

Não ficará desamparada!.... *(Marianna e Eufrazia assustam-se).*

LUIZA.

Que fazes?....

TIBURCIO..

Vem, Luiza!....

MARIANNA.

Quem é o senhor?....

TIBURCIO *(para Luiza).*

Vamos procurar teu irmão....

LUIZA.

Espera!.... *(Eufrazia observa com attenção a Tiburcio).*

MARIANNA.

Isto está galante! muito bem! com que a menina tem os amanteticos escondidos!.... está adiantada!....

TIBURCIO.

Senhora! ... mais respeito!....

MARIANNA.

O' lá!....

LUIZA.

Tiburcio!....

EUFRAZIA

Tiburcio!... é elle mesmo!.... fuja minha mãe!... *(recta).*

MARIANNA.

O que é!....

EUFRAZIA.

Fuja que é um Pedreiro Livre!... *(Deita a correr para dentro).*

MARIANNA *(aterrorisada).*

Santa Barbara! S. Jeronymo!... acudam-me *(sahe correndo).*

TIBURCIO *(admirado).*

E esta!....

SCENA XIX.

(Jorge que da porta tem observado tudo, logo que Marianna sahe corre e abraça-se com Tiburcio).

JORGE.

Meu salvador! meu libertador.

TIBURCIO.

O que é la isso? temos outra?

JORGE.

Homem incomparavel!

LUIZA.

Mano!

TIBURCIO

O senhor está doudo?

JORGE *(abraçando-se com os pés de Tiburcio).*

Deixe-me beijar seus pés, vigesima maravilha do mundo!....

TIBURCIO.

Levante-se, homem!

LUIZA.

O que é isto, Jorge?

JORGE *(de joelhos).*

E adorar-te como o maior descobridor dos tempos modernos!

TIBURCIO.

Não ha duvida, está doudo?

LUIZA.

Doudo!.... faltava-me esta desgraça!....

JORGE *(levanta-se).*

Pedro Alves Cabral quando descobrio a India, Camões quando descobrio o Brasil não foram

mais felizes do que eu sou, por ter descoberto o meio de meter medo a minha sogra, e a minha mulher!... E a quem devo eu esta felicidade?... a ti, homem sublime!...

TIBURCIO.

E é só por isso!...

JORGE.

Acha pouco?... sabe o que é uma sogra, e uma mulher?... O senhor gosta da mana?!...

TIBURCIO.

Fazia tenção de o procurar hoje mesmo, para fallar-lhe a este respeito....

JORGE.

Quer casar-se com ella?

LUIZA.

Jorge!....

TIBURCIO.

Seria minha maior ventura!....

JORGE.

Pois bem, pratique com minha sogra o que eu praticar com minha mulher....

TIBURCIO.

Como é la isso?!..

LUIZA.

Que loucura!...

JORGE.

Quer se casar? é decidir, e de pressa....

TIBURCIO.

Homem, se a cousa não é impossivel!....

JORGE.

Qual impossivel! minha sogra é uma velha....

TIBURCIO.

Por isso mesmo!....

JORGE.

Luiza, vai chamal-as; dize-lhes que estou só, e que preciso muito fallar-lhes: e tu não appareças em quanto ellas cá estiverem; anda!... (Luiza sahe).

SCENA XX.

JORGE e TIBURCIO.

TIBURCIO.

O que quer fazer?

JORGE.

Saberá.... esconda-se outra vez no armario, e quando eu bater com o pé, e gritar "Satanaz"

salte para fóra, agarre-se a minha sogra, e faça quanto eu fizer.

TIBURCIO.

Aqui mesmo nesta sala?

JORGE.

Sim! sim! e avie-se, que ellas não tardam....

TIBURCIO.

Vá feito! como é para ao depois casar-me... (esconde-se no armario).

JORGE (*aparte*).

Toleirão! casa-te e depois dá-me novas (*senta-se*). Hoje é dia de felicidades para mim! achei um marido para a mana: dei com os dous tratantes no chilindró; e para coroar a obra vim a descobrir o meio de me fazer respeitar nesta casa.. Ainda bem que eu tinha meus receios de encontrar-me com ellas... hão de estar damnadas!...

SCENA XXI.

Marianna e Eufrazia apparecem á porta, e receiosas espreitam para a scena.

JORGE

Podem entrar!....

MARIANNA (*adiantando-se*).

Podem entrar?... a casa é tua?....

EUFRAZIA.

D'hoje em diante has-de tu, e a desavergonhada da tua irmãa pôrem os quartos na rua!...

JORGE.

Veremos!....

MARIANNA.

Que desaforo é esse? ai! que arrebento!....

JORGE (*levanta-se e colloca-se entre as duas*).

Até aqui tenho vivido nesta casa como um cão..

EUFRAZIA.

Assim o merecias!

MARIANNA.

E ainda mais!

JORGE.

Mas como tudo neste mundo tem fim, o meu tratamento de cão tambem o terá ...

MARIANNA.

Agora tambem digo eu: veremos!...

JORGE.

Até agora não tenho sido homem, mas era preciso sel-o!.... E o que havia eu de fazer para ser homem?... (*com exaltação*) Entrar nessa

sociedade portentosa, universal, e sexquipedal, aonde se aprendem os verdadeiros direitos do homem!... (*Faz momices e signaes extravagantes com as mãos*).

EUFRAZIA.

O que quer isto dizer?

MARIANNA.

Ai! o que está elle a fazer?

JORGE.

Estes são os signaes da ordem... (*Faz os signaes*).

MARIANNA.

Está doudo!...

JORGE (*segurando-as pelos punhos*).

A senhora tem feito de mim seu gato-sapato; o a senhora seu moleque, mas isto acabou-se! (*levanta os braços das duas, que dão um grito*) acabou-se!... sou Pedreiro Livre!... Satanaz!

MARIANNA.

Misericordia!

EUFRAZIA.

Jesus!... (*Tiburcio salta do armario. Jorge deixa o braço de Marianna, e segurando em ambos os de Eufrazia gyra com ella pela sala, gritando: sou Pedreiro Livre! O diabo é meu compadre! Tiburcio faz com Marianna tudo quanto vê Jorge fazer. As duas gritam aterrorizadas. Jorge larga a Eufrazia que corre para dentro. Tiburcio, que nessa occasião está do lado esquerdo da scena, larga também a Marianna, que atravessa a scena para acompanhar Eufrazia; encontra-se no caminho com Jorge, que faz-lhe uma careta, e a obriga a fazer um rodeio para sair. Os dous desatam a rir*).

JORGE.

Bem diz o ditado, que ri-se com gosto quem se ri por ultimo. Luiza! Luiza? (*para Tiburcio*) Um abraço! que achado!...

SCENA XXII.

Entra Luiza.

JORGE.

Vem cá (*conduzindo-a para Tiburcio*). Eis

aqui a paga do serviço que acaba de fazer-me. Sejam felizes se o poderem, que eu d'hoje em diante se não for feliz, hei de ao menos ser senhor em minha casa. (*Aqui entram correndo Marianna e Eufrazia, como querendo fugirem de casa. Marianna trará a mantilha na cabeça, e uma trouxa de roupa debaixo do braço; o mesmo trará Eufrazia.*

JORGE (*vendo-as*).

Pega nellas! (*Jorge diz estas palavras logo que as vê: corre de encontro a ellas, e fica por conseguinte junto d porta que dá para o interior, quando ellas já estão quasi junto d porta da rua. Aparece da porta um irmão das almas*).

IRMAO.

Esmola para missas das almas! (*As duas quasi que se esbarram, na carreira que levam, contra o irmão. Dão um grito, e voltam correndo para sahirem por onde entraram; mas ahí encontrando Jorge, que lhes feicha a sahida, atravessam a scena, e esbarrando-se do outro lado com Tiburcio, largam as trouxas no chão, e caem de joelhos a tremer*).

EUFRAZIA.

Estamos cercadas!...

MARIANNA.

Meus senhoresinhos, não nos levem para o inferno!....

JORGE.

Descancem que para lá irão sem que ninguém as leve....

AMBAS.

Piedade! piedade!....

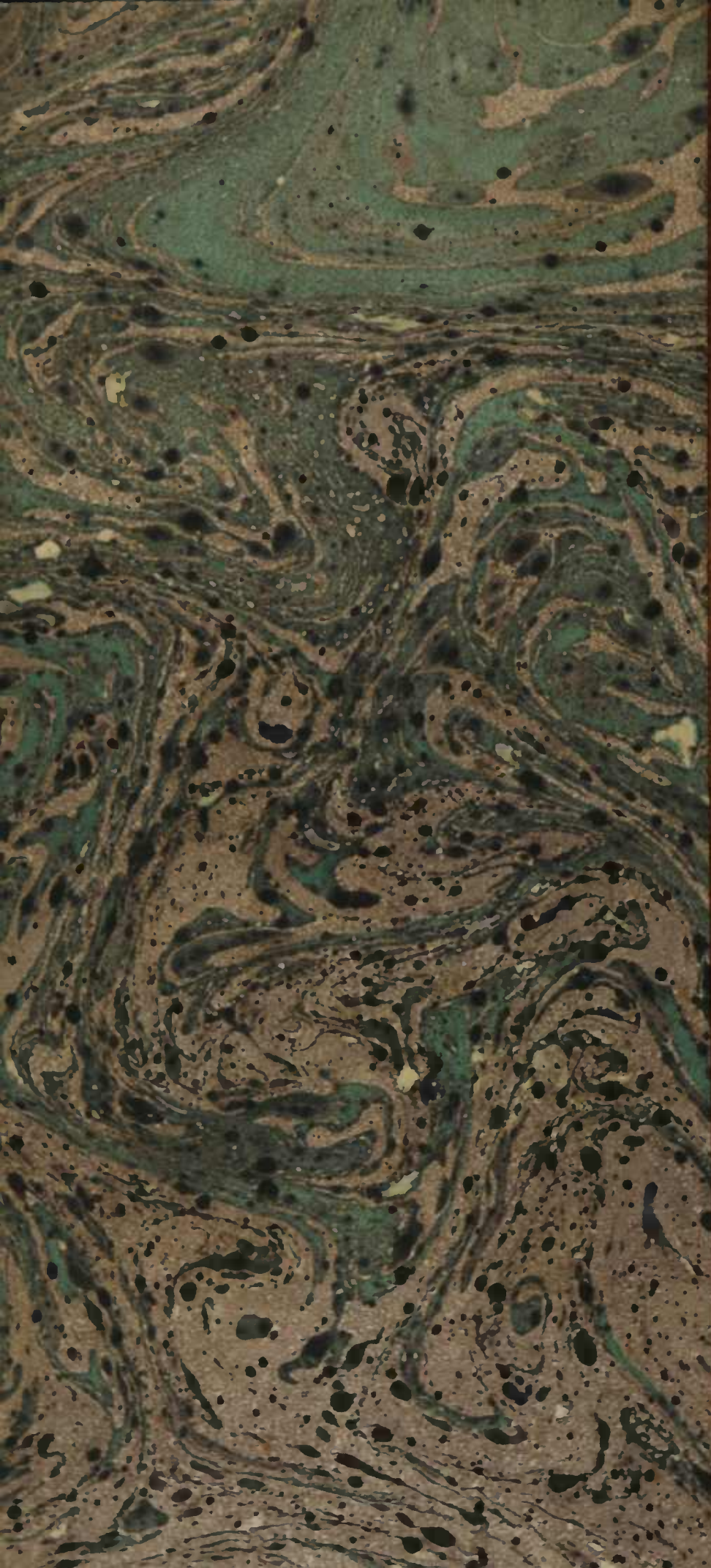
JORGE.

Bravo, sou senhor em minha casa!... E eu que pensava que era mais difficil governar mulheres!... (*Mariana e Eufrazia conservam-se de joelhos, no meio de Jorge, Tiburcio e Luiza, que riem-se ás gargalhadas até abaizar o panno*).

IRMAO (*em quanto elles riem, e desce o panno*).

Esmola para missas das almas!.... (*caem o panno*).

FIM.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).